

DOSSIÊ “RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS E DECOLONIALIDADE”

Daniel Precioso*

Monalisa Pavonne Oliveira**

Apresentação

O *giro decolonial* é um "evento de resistência política e epistêmica frente às lógicas de modernidade/colonialidade que remontam ao século XVI." O conceito de decolonialidade descreve os “processos de resistência e a luta pela reexistência das populações afrodiáspóricas, como a população negra brasileira” (BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES, 2018, p. 9).

Em sentido amplo, a decolonialidade contempla a longa tradição de resistência das populações negras e indígenas, que desde muito antes da emergência deste conceito já moviam frentes de batalha contra a colonialidade do poder e do ser. Mães e pais de santos de terreiros de religiões afro-brasileiras, mesmo que não mobilizem o conceito de decolonialidade, na prática, promovem a crítica daqueles tipos de colonialidade, incluindo a do saber. É com base nesta premissa que o presente dossiê articula decolonialidade e religiões afro-brasileiras. Nosso objetivo é superar a usual concepção objetivada de “informantes”, comumente atribuída em pesquisas de campo aos membros daquelas religiões, considerando-os autores, para que possam expor as suas reflexões lado a lado com o pesquisador.

Os artigos deste dossiê foram assinados, conjuntamente, por um integrante de religião afro-brasileira (religioso) e um pesquisador e, portanto, resultaram de um encontro das perspectivas de ambos. A coautoria não pretendeu submeter o crivo dos primeiros ao dos últimos. Houve, em alguns casos, adequação da linguagem oral à acadêmica; noutros casos, preferiu-se deixar as palavras do religioso como foram proferidas, mantendo-se a estrutura da conversa como forma de preservar a troca de experiências resultante do encontro entre religioso e pesquisador.¹ Embora as questões tenham sido pautadas pelos pesquisadores e norteiem a escrita do texto, as respostas a elas foram dadas pelos religiosos. As introduções e/ou conclusões dos textos do dossiê contém mais diretamente as reflexões dos pesquisadores, ao passo que as demais seções mantêm a estrutura dialógica do encontro, expondo as perspectivas dos religiosos sobre os temas pautados pelos pesquisadores. Assim, os artigos do dossiê não hierarquizam os autores, ou seja, não objetivam os religiosos – que não são informantes,

* Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense. Docente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Goiás.

** Professora doutora adjunta na Universidade Federal de Roraima (UFRR). Professora do curso de Licenciatura em História. Professora permanente no Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTORIA/UFRR) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFRR).

1. É digno de nota que, em alguns casos, o pesquisador é também religioso. O procedimento de escrita dos artigos deste dossiê se inspirou naquele empregado e discutido por Vagner Gonçalves da Silva em *O Antropólogo e sua magia* (2000).

mas coautores.

No artigo de abertura do dossiê, “Ancestralidade e espiritismo na Umbanda”, Sirlene Martins Faria (mãe de santo) e Daniel Precioso (historiador) discutem a matriz banto e kardecista da Umbanda praticada no terreiro *Caminho de Aruanda*, em Quirinópolis (GO). Os autores discutem – à luz da cosmologia centro-africana, mas também do espiritismo – em que medida a corrente de pretos velhos tem origem na escravidão brasileira. Destas reflexões nasce uma tese: “De antepassado à preto velho: eis o percurso de formação de uma corrente espiritual formada por africanos escravizados.” E, sobre esta tese, conclui-se: “A ressignificação da ancestralidade dentro dos cultos afro-brasileiros foi (...) uma resposta criativa e possível dos escravizados frente ao contexto em que viveram.”

Elisabete Bissiato Fantini Caes (mãe de santo) e André Luiz Caes (historiador), Em “Mãe Bete, Sacerdotisa de Umbanda aos 60 anos: o destino de um ori como experiência do encontro entre a vivência colonial e decolonial”, tratam da experiência e concepção religiosa da coautora do artigo, Elisabete Bissiato Fantini Caes, ou simplesmente, Mae Bete, diretora da *Casa de Culto Espiritualista Morada dos Orixás*, em Morrinhos (GO). Rosa Cruz há 35 anos, estudiosa de diversas tradições místicas e diretora de uma casa de Umbanda e de um Culto aos Orixás, Mãe Bete tem uma experiência sincrética, pautada pela bricolagem e pelo hibridismo. Apesar de não definir sua experiência religiosa como decolonial, a mãe de santo integra o grupo difuso de participantes do processo de luta contra o preconceito religioso – especialmente latente no Brasil das últimas décadas.

O artigo “Dinâmicas das religiões afro-brasileiras em Roraima: a circulação de caboclos, encantados e seus adeptos em diferentes vertentes afro-religiosas” é o resultado da parceria de um trio de vozes, composto pelo ogã Sebastião Gomes da Cota Júnior, de candomblé ketu, um encantado, Légua Buji Buá da Trindade, e o pesquisador terecozeiro, Paulo Jeferson Pilar Araújo. O trabalho apresenta uma religião afro-brasileira oriunda de Codó (MA), o terecô, que fincou raízes em Boa Vista (RR). Apesar das casas de terecô não serem numerosas, e atravessarem o problema da sucessão de seus líderes idosos, são bastante significativas e respeitadas pelas outras religiões de matriz afro-brasileira e africana boavistenses, estabelecendo sólidas interlocuções. Sendo assim, o texto traz a circulação de entidades espirituais em alguns rituais, por intermédio do caso específico da família de Légua.

Em um diálogo poderoso, Leonara Lacerda Delfino (historiadora) e Letícia Ferreira de Sousa (cientista social), cujo nome social é Letícia Imperatriz, desnudam as adversidades vividas pelas mulheres trans mineiras. A

conversa conduzida com foco em deslindar a participação de pessoas trans no candomblé, apresenta a diversidade de terreiros, precisamente em Montes Claros/ MG, e a maneira como acolhem e lidam com a questão LGBTQI+, ora oferecendo amparo e refúgio, ora se esquivando. Nesse movimento, se insere a luta de Letícia Imperatriz, uma peleja por políticas públicas que ultrapassam os limites físicos dos terreiros.

Em “Histórias e narrativas: anotações sobre o candomblé em Goiás”, o Babalorixá Kerley da Silva Géa (ou, simplesmente, Kerley de Oxalá) e o historiador Marcos Antônio Cunha Torres analisaram a trajetória do candomblé em Goiás a partir da década de 1970, quando sacerdotes candomblecistas em trânsito pelo Estado passaram a instalar suas casas de culto de nação ketu e a iniciar os primeiros “filhos” em solo goiano. Como os autores procuraram demonstrar, o Babalorixá Kerley de Oxalá, coautor deste texto, participou diretamente dessa história, sendo um dos mais velhos babalorixás em atividade atualmente em Goiás. A história do candomblé em Goiânia, tal como delineada neste texto, traz à tona novos personagens ativos na constituição dessa religião afro-brasileira em Goiás e, por essa via, fornece dados preciosos para novos estudos sobre o tema.

Ekedji Rosa Barroso, Monalisa Pavonne Oliveira (historiadora) e Tiago Siqueira Reis (historiador) discutem as dinâmicas, hierarquias e funcionamento de um terreiro de candomblé de nação ketu em Boa Vista (RR) através do prisma das ekedjis, no artigo “O Ifá no jogo disse que eu não incorporava, que eu nasci mãe’: Trajetória de vida da Ekedji Rosa Barroso”. A premissa central do trabalho é a primordialidade do cuidado dos membros e da casa desempenhado pelas ekedjis/mães como pilar das comunidades de santo. O texto visa iluminar um elemento que não tem recebido muita atenção por parte dos pesquisadores das religiões de matriz africana, as mães que não incorporam. Nessa perspectiva, a intenção é trazer à tona as potências femininas que emergem do terreiro.

No artigo “Mãe Rosane D’Iansâ: Umbanda, Candomblé e luta contra a intolerância religiosa”, Rosane Peres Alves Marega, conhecida como Mãe Rosane D’Iansã, e Ricardo Sinigaglia Arruda trazem ricas contribuições para os debates acerca da intolerância religiosa sofrida pelas religiões de matrizes afro-brasileira e afro-indígena. A partir de uma fala firme, contundente e esclarecedora, Mãe Rosane em diálogo com Sinigaglia tipifica o candomblé, o kardecismo e a umbanda, apresentando suas principais características e fatores que impulsionam ou apaziguam preconceitos com relação a tais religiosidades, associando a discriminação a uma concepção equivocada das celebrações e rituais realizados por essas religiões. Nesse ínterim, traça uma cronologia da recepção dessas crenças pela sociedade em geral, sobretudo pelo poder público, remontando da Ditadu-



ra Empresarial Militar Brasileira (1964-1985) à atualidade, desvelando o racismo religioso e apontando avanços e retrocessos.

Agradecemos aos autores a valiosa participação em nosso dossiê. Desejamos a todos uma boa leitura!

Os Organizadores.

Junho de 2023

Referências

BERNARDINO-COSTA, Joaze, MALDONADO-TORRES, Nelson, GROSFOGUEL, Ramón (Orgs.). **Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico**. São Paulo: Autêntica, 2018.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre as religiões afro-brasileiras**. São Paulo: Edusp, 2000.